

A DIMENSÃO DO AUTOCONHECIMENTO EM LIVROS DIDÁTICOS DE PROJETO DE VIDA DO NOVO ENSINO MÉDIO: vestígios da racionalidade neoliberal

DIMENSIÓN DEL AUTOCONOCIMIENTO EN LOS LIBROS DE TEXTO DEL
PROYECTO DE VIDA DE SECUNDARIA ESCUELA: huellas de la
racionalidad neoliberal

THE DIMENSION OF SELF-KNOWLEDGE IN NEW HIGH SCHOOL LIFE
PROJECT DIDACTIC BOOKS: traces of neoliberal rationality

Wyllamy Samuel da Costa¹ 

Francisco Vieira da Silva² 

Resumo

Esse artigo busca analisar como a dimensão do autoconhecimento está presente em materiais didáticos do Projeto de Vida do Novo Ensino Médio (NEM) e como se vincula às estratégias da racionalidade neoliberal. Para isso, discute-se a configuração do Projeto de Vida no interior do NEM e pondera-se a vinculação com o neoliberalismo, a partir de autores como Foucault (2008, 2005), Dardot e Laval (2016) e Han (2017), entre outros. A análise compreende sete coleções didáticas do componente curricular Projeto de Vida, aprovadas pelo Programa nacional do Livro e do Material didático (PNLD), edição 2021, em particular a seção/unidade relacionada à dimensão do autoconhecimento. O estudo caracteriza-se como descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. Os resultados apontam que a dimensão do autoconhecimento está alinhada à racionalidade neoliberal, quando notamos a retórica do sujeito ser autônomo e flexível, enfatizado nos discursos sobre protagonismo juvenil. Além disso, essa dimensão preocupa-se em trabalhar as competências sociopsicoemocionais, inserindo o autoconhecimento como uma promessa de preparo do sujeito para o convívio social, escolha de sua profissão, seguido de sua inserção do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Novo Ensino Médio. Projeto de Vida. Racionalidade Neoliberal. Autoconhecimento.

¹ Mestre em Ensino pelo programa de Pós-Graduação em Ensino POSENSINO; Graduado em Letras Inglês (UFERSA). Caraúbas. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: wyllamysamuel@gmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor efetivo pelo Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Campus Caraúbas. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Como referenciar este artigo:

COSTA, Wyllamy Samuel da; SILVA, Francisco Vieira da. A dimensão do autoconhecimento em livros didáticos de projeto de vida do novo ensino médio: vestígios da racionalidade neoliberal. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, e8090, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.8090>

Resumen

Este texto busca analizar cómo la dimensión del autoconocimiento está presente en los materiales didácticos del Proyecto de Vida de la Nueva Educación Secundaria y cómo se vincula con las estrategias de la racionalidad neoliberal. Para ello, se discute la configuración del Proyecto de Vida dentro de la Nueva Educación Secundaria y se considera el vínculo con el neoliberalismo, a partir de autores como Foucault (2008, 2005), Dardot y Laval (2016) Han (2017), entre otros. El análisis comprende siete colecciones didácticas del componente curricular Proyecto de Vida, aprobado por el Programa Nacional de Libros de Texto y Materiales Didácticos, edición 2021, en particular la sección/unidad relacionada con la dimensión del autoconocimiento. El estudio se caracteriza como descriptivo-interpretativo de naturaleza cualitativa. Los resultados muestran que la dimensión del autoconocimiento está alineada con la racionalidad neoliberal, cuando se observa la retórica del sujeto autónomo y flexible, enfatizada en los discursos sobre el protagonismo juvenil, además, esta dimensión se preocupa en trabajar las competencias socio-psico-emocionales, colocando el autoconocimiento como promesa para preparar al sujeto para la interacción social, eligiendo su profesión, seguida de su inserción en el mercado de trabajo.

Palabras clave: Nueva Educación Secundaria. Proyecto de vida. Racionalidad Neoliberal. Autoconocimiento.

Abstract

This paper seeks to analyze how the dimension of self-knowledge is present in the teaching materials of the New High School Life Project and how it is linked to the strategies of neoliberal rationality. To do this, the configuration of the Life Project within the New High School is discussed and the link with neoliberalism is considered, based on authors such as Foucault (2008, 2005), Dardot and Laval (2016) and Han (2017), among others. The analysis includes seven teaching collections of the Life Project curriculum component, approved by the National Textbook and Teaching Materials Program, 2021 edition, in particular the section/unit related to the dimension of self-knowledge. The study is characterized as descriptive-interpretative of a qualitative nature. The results show that the dimension of self-knowledge is aligned with neoliberal rationality, when we note the rhetoric of the subject being autonomous and flexible, emphasized in the discourses on youth protagonism, in addition, this dimension is concerned with working on socio-psycho-emotional competences, placing self-knowledge as a promise to prepare the subject for social interaction, choosing their profession, followed by their insertion in the job market.

Keywords: New High School. The Life Project. Neoliberal Rationality. Self-knowledge.

Introdução

Os interesses que instauraram a Reforma do Novo Ensino Médio – NEM - pairam sobre a educação brasileira desde meados dos anos de 1990, quando no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), notabilizavam-se anseios econômicos que consistiam em compactar trabalho, educação e formação profissional, por meio de políticas públicas. No ano de 2016, após o golpe político parlamentar sofrido pela presidenta Dilma Rousseff (PT), o então vice, Michel Temer

(MDB) foi alçado ao posto de chefe do Executivo e, seguidamente, sancionou a Medida Provisória (MP) 746/16, que, em um curto intervalo, tornou-se a Lei nº 13.415/2017, a se configurar como uma política pública recente, acarretando diversas mudanças educacionais e curriculares. Pautada na pedagogia das competências, é possível notar que essa reforma de uma etapa importante da educação básica enfatiza o aperfeiçoamento das habilidades e competências como promessa de inovação para a formação do estudante.

Nesse cenário, o NEM organiza o currículo em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O documento apresenta dez competências gerais e outras específicas voltadas às grandes áreas de conhecimento, a saber: Linguagens e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias e Formação Técnica e Profissional (Brasil, 2018). A BNCC acentua que é necessário valorizar o protagonismo juvenil, especialmente porque, frente à oferta de itinerários formativos, que correspondem de forma completar as áreas de conhecimento, o estudante pode optar por cursar os itinerários que favoreçam a sua atuação profissional com seu projeto de vida.

Conforme o documento citado, busca-se valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Brasil, 2018).

No esteio do NEM, o Projeto de Vida pode ser compreendido como um componente curricular a prometer uma formação pensada no futuro, visando às escolhas acadêmicas e de trabalho, em consonância com os desejos dos estudantes. Esse componente curricular necessita ocorrer de forma gradual nos três anos de ensino médio e está vinculado com as competências gerais constantes da BNCC, mas, de modo particular, vincula-se especialmente à sexta competência.

É por meio do Projeto de Vida, especificamente do material didático desse componente, que podemos notar os vestígios da racionalidade neoliberal, sobretudo, quando analisamos os discursos que apontam para uma formação flexível, levando o

sujeito a acreditar ser gestor de suas condutas e que pode escolher o seu percurso formativo, conforme expõe a BNCC. Ademais, consideramos os livros didáticos como um artefato cultural que congrega valores, discursos e visões de mundo, além de impactar sobremaneira na organização das práticas de ensino (Souza; Ferreira, 2020).

O livro didático de Projeto de Vida, alinhado com a BNCC, enfatiza três dimensões, a saber: a dimensão pessoal, a dimensão cidadã e a dimensão profissional (Brasil, 2020). Assim, tais dimensões devem ser contempladas como forma de trabalhar as noções do autoconhecimento, a gestão das emoções e das competências sociopsicoemocionais, favorecendo o convívio em sociedade e as aspirações para o mercado de trabalho. Conforme cita o documento, “[...] diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos” (Brasil, 2018, p. 463).

Diante disso, as estratégias de governo presentes no Projeto de Vida têm como princípio fazer emergir no sujeito autônomo e responsável por seu sucesso ou fracasso. Para Han (2018, p. 11), o sujeito neoliberal julgar-se livre, mas, na verdade, é servo de si mesmo, pois “[...] como empreendedor de si mesmo é incapaz de se relacionar livre de qualquer propósito”.

Essa hipótese mostra-se profícua, quando se observa a constante retórica em trabalhar o autoconhecimento, o autocontrole, o autocuidado, como maneira de subjetivar esse sujeito, sobretudo, em consonância com a racionalidade neoliberal. Afinal, como menciona Han (2018), a racionalidade neoliberal não opera sobre o indivíduo de forma direta, mas promove condições de subjetivação e controle.

Por essa razão, as obras aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático – PNLD, de 2021, em conformidade com a Reforma do NEM, buscam estimular no estudante a compreensão de seus interesses, de modo a fazer o discente refletir sobre sua identidade, valores e projetos futuros. Em virtude disso, este artigo objetiva analisar como a dimensão do autoconhecimento faz-se presente no material didático do Projeto de Vida do NEM e como está vinculada às estratégias da racionalidade neoliberal.

Este artigo configura-se como uma pesquisa descritivo-interpretativa, de natureza qualitativa, tendo como foco analisar capítulos/ unidades de sete coleções

didáticas do Projeto de Vida, aprovadas pelo PNLD, a saber: Projeto de vida construindo o futuro (editora Ática), Projeto de vida: um projeto vital (editora Hedra Educação), Pensar, sentir e agir (editora FTD), Eu posso (editora Pipoca Doce), Se Liga na vida (editora Moderna), #Vivências (editora Scipione), Planejando a jornada: um guia para seu projeto de vida (editora Evoluir).

Assim, além desta seção introdutória, buscamos discutir mais adiante sobre o projeto de Vida no âmbito do NEM, bem como expor a sua aproximação com a racionalidade neoliberal; em seguida, analisamos as materialidades extraídas das coleções e didáticas; por fim, apresentamos as considerações finais.

1 O projeto de vida e a racionalidade neoliberal

Foucault (2008) discute acerca das artes de governar e, para tanto, observa a história, a fim de explicar as relações das políticas econômicas e o Estado. Nesse contexto, as práticas de governo são formadas por relações de saber-poder que têm como função governar os sujeitos. Assim, a racionalidade governamental, não obstante a época, interessa-se em naturalizar os processos econômicos por meio do Estado. Esse movimento acontece como um mecanismo de poder que vigia a população, fazendo da economia um contínuo movimento de micropoderes, isto é, a relação dos sujeitos com sua família, gestão de bens e seus comportamentos coletivos e individuais.

É nesse cenário que Foucault analisa o surgimento de uma nova arte de governar, fundada em uma governamentalidade que mantém a sobrevivência do Estado por meio das ações dos sujeitos. Em virtude disso, o autor leva em consideração a crise em torno do liberalismo no século XX, tendo em vista o contexto a exigir a restauração do capital, por meio das ramificações do sistema liberal, como o ordoliberalismo e neoliberalismo, que arquitetam uma estratégia de saber-poder, sobretudo, voltada ao sujeito, especificamente, a forjar um sujeito produtivo, ativo e que possa empresariar a si mesmo (Rocha, 2023).

Por essa razão, o Projeto de Vida pode ser concebido como uma tecnologia de subjetivação, sobretudo pelo fato de estar presente em momento de muitas dúvidas

para o sujeito, uma vez que a adolescência confronta e exige dele posicionamentos, escolhas e decisões (Silva; Danza, 2022). Desse modo, o Projeto de Vida permite um acesso cuidadoso à dimensão psicoemocional do jovem, pelo fato de permitir visualizar as possibilidades complexas de escolhas para o futuro e por trabalhar intimamente com a identidade do sujeito. De igual modo, envolve questões particulares das competências psicoemocionais, justamente porque “o Projeto de Vida se vincula a um conjunto de características que define o sujeito” (Nascimento, 2013 p. 89).

Nessa perspectiva, podemos compreender a constante preocupação que as políticas educacionais delineiam por meio do NEM, em especial, na elaboração do Projeto de Vida, tendo em vista a construção de valor que o sujeito levará para sua vida adulta, a formação de uma identidade cujos sentidos permitem que esse sujeito assumira um papel social, que perpassa ativamente a exploração de suas condutas, valores, crenças, repartindo um lugar de representação de si (Silva; Danza, 2022).

Conforme analisam Santaiana e Machado (2024 p. 12), a BNCC pode ser considerada um instrumento da racionalidade governamental, pois na condição de documento norteador, dita o que deve ou não ser ensinado, de forma que regula e subjetiva os sujeitos, instigando a serem mais competitivos, por isso, “o indivíduo, torna-se um sujeito econômico, um empreendedor de si mesmo, que através do desenvolvimento de competências, investe em si, no seu desenvolvimento e aperfeiçoamento”.

Dessa maneira, a racionalidade neoliberal mantém relações com diversos setores sociais, perpassando as mais distintas camadas sociais, fazendo isso, por exemplo, através de uma estreita ligação com a educação, pontualmente, atrelada às subjetividades ligadas ao mercado de trabalho, afinal “[...] o neoliberalismo pode ser definido como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens, segundo o princípio universal da consciência” (Dardot; Laval, 2016 p.17).

Em vista disso, podemos afirmar que o Projeto de Vida faz emergir subjetividade de cada sujeito, fazendo-o pensar suas condutas para o futuro sendo que, para isso, é preciso ter autoconhecimento, pois o planejamento nessa etapa permite ao sujeito desenhar seus planos, desejos, escolha da profissão, formação

acadêmica e conquista de bens materiais (Nascimento, 2013).

Em consonância com isso, podemos perceber que os moldes do Projeto de Vida implicam pensar as habilidades e competências, sobretudo, as competências socioemocionais e o autoconhecimento como estratégia de subjetivação, exigindo do estudante uma análise de si mesmo, de suas emoções e a maneira como deve lidar com elas, o que desencadeia no jovem o anseio em rever e reconfigurar sua subjetividade como forma de alcançar a autonomia de escolha, principalmente, uma escolha bem fundamentada, conforme sugere a BNCC.

As competências expostas na BNCC configuram-se com um teor neoliberal, pois se articulam com a necessidade de trabalhar a responsabilidade e o autoconhecimento, principalmente, porque na educação sob a matriz neoliberal, todas as habilidades são passíveis de serem ensinadas, aprendidas e praticáveis. Tudo isso como objetivo de disciplinar o sujeito no tocante à gestão de suas emoções, responsabilidades e desejos, fazendo do sujeito o responsável por articular soluções, ser autônomo e seguro de suas escolhas (Accioly; Lamosa, 2021).

O aluno do ensino médio é, pois, levado a definir seus anseios por meio das tendências econômicas e do mercado de trabalho, tendo em vista o empresariamento de si, a gestão das emoções e o aperfeiçoamento das habilidades como mecanismo de autocontrole, a partir de um planejamento estratégico e devidamente alinhado com seu projeto de vida.

2 O reflexo de si: compreendendo a dimensão do autoconhecimento nos livros didáticos de projeto de vida

As coleções didáticas apresentam capítulos/ unidades nos quais o autocuidado, o autoconhecimento, a transformação de si e o encontro consigo mesmo são elencados como primeiro passo para a construção do Projeto de Vida. Esses diferentes significantes visam direcionar o olhar para si mesmo e se manifestam em todas as coleções do Projeto de vida, por meio de enunciados verbos-visuais, apresentados em diferentes fontes, cores e formas, o que chama atenção do aluno-leitor e, igualmente, o confronta, levando-o a refletir sobre quem ele é. É possível perceber que as coleções situam o autoconhecimento em nível de

prioridade, conforme mostra o enunciado da coleção projeto de vida construindo o futuro (editora Ática).

Figura 1 - Autoconhecimento

PARA AMPLIAR Respostas pessoais. Para mais orientações a respeito desta atividade, consulte a parte específica do Manual do Professor.

1. Você acha que é importante se conhecer? Justifique.
2. O que é possível fazer para se conhecer melhor? Por quê?
3. Quais podem ser as consequências de não conhecer a si mesmo?



Autoconhecimento e projeto de vida

Você já ouviu o termo **autoconhecimento**? Como é possível se conhecer?

Fonte: Retirado de Danza; Silva (2020).

Nesse recorte, fica em relevo que o autoconhecimento e o Projeto de Vida caminham juntos. Isso implica, em verdade, um requisito fundamental que o sujeito precisa ter acesso, pois como inquire a questão três: quais podem ser as consequências de não conhecer a si mesmo? A resposta a essa questão fica mais fundamentada com a continuidade da atividade, dado que a coleção expõe atributos relativos ao sujeito que possui o autoconhecimento, visto que é um sujeito certo da sua personalidade, valores, sentimentos e interesses (Danza; Silva, 2020). Portanto, esse tipo de atividade leva o sujeito a se decifrar e construir verdades sobre quem ele é, visto que o domínio desses saberes será importante, principalmente, quando se é levado a refletir sobre mudanças.

A coleção Projeto de vida construindo o futuro (editora Ática) ainda sugere que o estudante faça um autorretrato. Podemos notar que a imagem exposta no enunciado mostra o reflexo de um espelho, projetando a ideia do olhar para si mesmo, de modo a se reconhecer e visualizar de forma material aquilo que ele enxerga sobre si. Nesse sentido, as coleções trazem questões e textos ilustrativos que instigam os estudantes a expressar seus sentimentos e pensamentos. Nessa

mesma coleção didática, encontramos que a conclusão das atividades dessa unidade traz uma autoavaliação que busca identificar o que o sujeito aprendeu sobre si, como forma de se apropriar dessas informações, a fim de constatar o que precisa desenvolver e melhorar para a consumação de seu Projeto de Vida.

Nesse mesmo sentido, surge o autocuidado, uma derivação do autoconhecimento, tendo em vista que, quando o sujeito conhecer a si mesmo, ele compreende quais esferas de sua vida devem ser transformadas, ou seja, permite que o sujeito tenha mais cuidado sobre si, sobre seu tempo, ações, cuidados físicos, mentais, corpo, bem-estar, imagem social. Conforme enfatiza a coleção projeto de vida: um projeto vital (editora Hedra Educação), o conhecer a si mesmo é apresentado como sinônimo de cuidar de si. Para afirmar essa premissa, podemos destacar a atividade: cartografia do eu: interesses, necessidades e autocuidado (Rota; Oliveira, 2020). Nela, é retomada a narrativa de Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll. Pelo ato de desatenção, a personagem cai em um buraco e vai parar em uma dimensão mágica em que dialoga com animais falantes que tentam ajudar a garota a encontrar o caminho de volta.

A referência evoca o sentido do cuidado, do confiar no outro, além disso, quando questionada sobre quem ela é, Alice não dá uma resposta clara, mostrando que, quando não sabemos quem somos, ficamos vulneráveis. Além do mais, Alice tece esse diálogo com uma lagarta, um ser que leva a vida em constante metamorfose, mas que sabe o que se tornará no futuro.

Essas alusões se manifestam de forma sutil, o que permite rastreamos o modo como o discurso opera na formação do saber-poder, porquanto o sujeito reconhece nesses enunciados a necessidade em se policiar e cuidar mais de si. Em outras palavras, fazer o sujeito reconhecer que, por meio do autoconhecimento, é possível estar mais seguro e certo do que queremos, do que devemos fazer em situações adversas. Na atividade, o livro relembra a cena do espelho, em que a personagem é levada a ver quem ela é.

Figura 2 - Alice no espelho



Fonte: Retirado de Rota; Oliveira (2020).

A referência nesse contexto permite o estudante responder ao que pode parecer simples: qual a função do espelho? Ou melhor, como questiona a coleção, “o que é um espelho? Quais são os principais sentidos da ideia de atravessar um espelho? Se fosse possível atravessar um espelho, o que poderíamos encontrar? Como seria a realidade através do espelho?” (Rota, Oliveira, 2020 p. 13). Esses questionamentos podem ser respondidos, quando somos levados a pensar que o espelho reflete nossa imagem, o que encontramos nele ou no portal através dele, é o universo que nos forma, um reflexo daquilo que acreditamos que somos, ou seja, o espelho reflete não somente nossa imagem, mas a nossa subjetividade, dando acesso ao autoconhecimento interior e exterior da nossa condição como sujeito.

Esse tipo de atividade é possível de encontrarmos em outras coleções, como é o caso do livro *Pensar, sentir e agir* (editora FTD), que questiona o olhar para o espelho como forma de responder “quem sou?”. A tarefa menciona que o ato de conhecer a si mesmo permite um estreitamento das relações pessoais e sociais, especialmente porque “autoconhecer-se e valorizar seu potencial são passos importantes para a construção do projeto de vida” (Fraiman, 2020 p.74). Já no livro *Eu posso* (editora Pipoca Doce), essa atividade faz parte da reflexão de um texto que trabalha as mudanças que ocorrem durante a adolescência, guiados por perguntas como: “Como você se sente quando se olha ao espelho?”, “Há algo que o(a)

incomoda?” (Stern, 2020 p.12). Após isso, a coleção traz novos textos, que tratam a respeito de mudanças físicas, e questiona novamente: “eu me conheço” (Stern, 2020 p.17).

Figura 3 - Eu me conheço?



Fonte: Retirado de Stern (2020).

Seguidamente, a coleção didática menciona que o estudante não deve responder com um simples sim ou não e, por isso, orienta: “respire fundo, feche os olhos e se concentre na pergunta anterior. Ela parece fácil, afinal, todos nós temos imagens de nosso rosto e corpo registradas no cérebro. Por isso, conseguimos nos reconhecer em meio a uma multidão” (Stern, 2020 p.18). A atividade por meio dessa dinâmica do espelho resgata o que aprendemos com Foucault (2009), quando explica que o espelho é uma heterotopia, ao ser atribuído o sentido que faz parte do lugar que se ocupa.

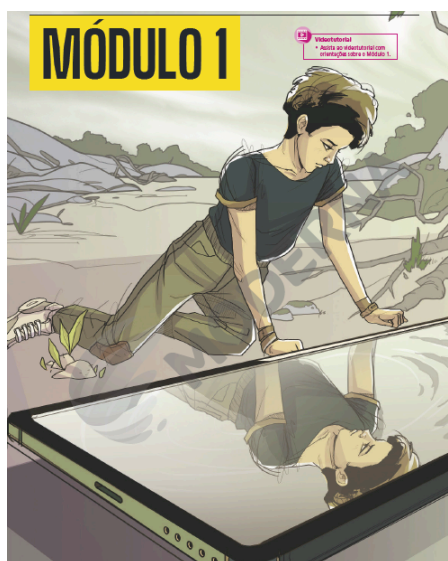
O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, vê-se lá onde não se está, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície. Assim, o sujeito está longe, uma espécie de sombra que dá a si mesmo a própria visibilidade, permitindo olhar-se lá onde está ausente.

[...] Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe (Foucault, 2009 p.415).

As heterotopias, segundo o autor, existem em toda sociedade e esses espaços são um lugar paralelo, permitindo ao sujeito se reconstruir. Nesse sentido, o espelho assume esse lugar quando o observamos, pois se cria uma imagem ilusória daquilo que é o sujeito, mas precede de condições que o fazem existir, fazendo-se outro espaço discursivo por meio do qual o sujeito pode enxergar as mudanças que ocorrem consigo. O posicionamento discursivo assumido nessas coleções didáticas se pauta em questões que levam o jovem a buscar compreender a si próprio, decifrando os pensamentos como forma de narrar quem ele é.

Em outra coleção didática, Se Liga na vida (editora Moderna), há uma referência à mitológica figura de Narciso. Como é sabido, esse personagem era um jovem de beleza inigualável e que se apaixonou pelo próprio reflexo no lago cristalino, sendo essa a causa de sua morte, porque, não sabendo que aquele reflexo era de sua própria imagem, abate em uma profunda tristeza, diante da impossibilidade de se encontrar com uma criatura tão encantadora. A reflexão dessa narrativa encontra-se dividida nas três dimensões da coleção e cada módulo do livro retoma parte da narrativa como modo de fazer o estudante refletir sobre si mesmo, seu contato com outros sujeitos e suas ações no mundo, respectivamente.

Figura 4 - Um olhar narcisista



Fonte: Retirado de Ormundo; Siniscalchi; D'Agostini (2020).

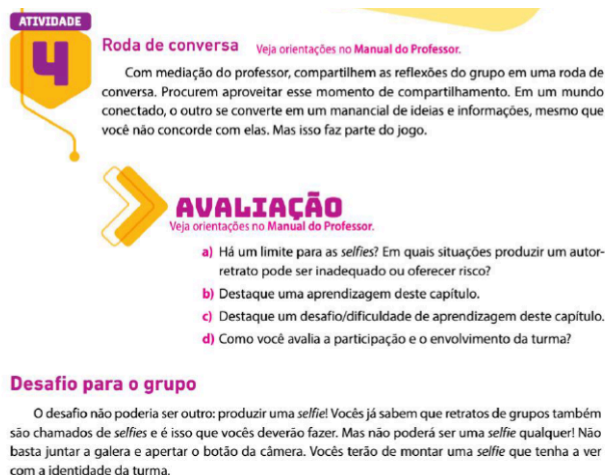
No módulo 1, seção que nos chama mais interesse para análise, há algumas perguntas: “já parou para pensar sobre o que diferencia você das outras pessoas? O que, afinal, significa ser “eu”? Já pensou nisso? O que nos transforma em sujeitos ímpares, singulares? Por que “só eu sou eu?”” (Ormundo; Siniscalchi; D’Agostini, 2020 p.9). Esses questionamentos exigem um autoconhecimento preciso, pois a resposta para cada uma delas só poderá ser formulada por meio da constituição da identidade do sujeito, isso é, suas particularidades, gostos, crenças, costumes e cultura.

Ainda a respeito desse enunciado, podemos perceber que o lago é um celular, reconfigurando a ideia de uma sociedade narcisista, isto é, “[...] um coletivo marcado mais pelo egoísmo e pelo narcisismo, estimulados tanto pelo poder político quanto pelo poder econômico, do que por um legítimo individualismo, o que exigiria uma verdadeira autonomia, inexistente na subjetivação neoliberal” (Casara, 2021 p. 48) e que, atrelado à tecnologia, faz uso das redes sociais para promoverem uma imagem de si. Podemos pensar a partir do autorretrato que expressa uma imagem de quem somos e sobre o molde daquilo que consideramos belo e bem aparente, pois “[...] na selfie, o retorno à exterioridade da imagem é seguido por um desejo de compartilhar a imagem em rede” (Braga, 2021 p. 573). O sujeito que enuncia nesse discurso aponta pra a necessidade do autocuidado, levando o estudante a governar seus impulsos, ter uma gestão de suas condutas e se policiar ao expor sua imagem.

Na reflexão de Braga (2021), o uso da *selfie* não se limita apenas ao acesso da tecnologia, mas pode ser compreendido como um dispositivo de poder, que busca expressar sempre a ideia de satisfação e felicidade, sobretudo, porque está atrelado a outros dispositivos de subjetivação desse sujeito contemporâneo.

A *selfie* não é apenas um produto da tecnologia, senão um fenômeno do atual estágio do capitalismo e das transformações psíquicas que o neoliberalismo opera no sujeito, que configurou o autorretrato como um produto a ser transacionado na rede, como parte das estratégias de ser um bem sucedido empreendedor de si mesmo (Braga, 2021).

Figura 5 - Você faz selfies?



ATIVIDADE
4

Roda de conversa Veja orientações no Manual do Professor.

Com mediação do professor, compartilhem as reflexões do grupo em uma roda de conversa. Procurem aproveitar esse momento de compartilhamento. Em um mundo conectado, o outro se converte em um manancial de ideias e informações, mesmo que você não concorde com elas. Mas isso faz parte do jogo.

AVALIAÇÃO
Veja orientações no Manual do Professor.

- a) Há um limite para as *selfies*? Em quais situações produzir um autor-retrato pode ser inadequado ou oferecer risco?
- b) Destaque uma aprendizagem deste capítulo.
- c) Destaque um desafio/dificuldade de aprendizagem deste capítulo.
- d) Como você avalia a participação e o envolvimento da turma?

Desafio para o grupo

O desafio não poderia ser outro: produzir uma *selfie*! Vocês já sabem que retratos de grupos também são chamados de *selfies* e é isso que vocês deverão fazer. Mas não poderá ser uma *selfie* qualquer! Não basta juntar a galera e apertar o botão da câmera. Vocês terão de montar uma *selfie* que tenha a ver com a identidade da turma.

Fonte: Retirado de Rota; Oliveira, (2020).

Para compreendermos essa materialidade, faz-se necessário voltarmos a Foucault (1996), quando explica que o discurso é muito mais do que está dito, por isso, observamos que esse recorte retoma todo o imaginário de ideias, levando o sujeito a pensar por meio de suas ações e também ações de outros sujeitos e, por isso, sente o desejo pelo autogoverno, compreendendo que, quando não possui o domínio pleno do autoconhecimento, torna-se um sujeito dotado de incertezas e vulnerável.

Em continuidade, a coleção didática #Vivências (editora Scipione), apresenta três perguntas relacionadas ao texto, instigando os estudantes a exporem sua opinião a respeito da temática.

Em uma roda de conversa, dialoguem sobre as questões a seguir:

1. Vocês concordam que as redes sociais podem ser prejudiciais à saúde física e mental? Em caso positivo, que medidas devemos tomar para preservar nossa saúde?
2. De acordo com o artigo, as meninas estão mais expostas à depressão pelo uso excessivo das redes sociais que os meninos. Na opinião de vocês, por que isso ocorre? Como evitar essa situação?
3. O que vocês entendem por autocuidado? Como vocês imaginam que as redes sociais e os aplicativos podem contribuir para a construção dele? (Alchorne; Carvalho, 2020 p. 39).

Nota-se que a ênfase é dada para o uso das redes sociais como indicativo da causa de distúrbios psíquicos como ansiedade e depressão. Esse debate, a princípio, está correlacionado com as competências gerais da BNCC, conforme menciona o

documento, o zelo pela saúde física e emocional faz parte da formação do sujeito, tendo a gestão das emoções de si como uma autocrítica, a fim de saber como lidar com elas (Brasil, 2018). Por isso, de acordo com o discurso que circula no livro didático, o sujeito deve manter-se atento, prezar pelo cuidado com a mente e corpo, com o propósito de estabelecer uma boa gestão do autoconhecimento, pois são fatores que estão ligados à produtividade do sujeito. Isso constitui uma maneira de conduzir o sujeito a ordenar suas emoções acontece por meio das competências socioemocionais, as quais as escolas têm buscado trabalhá-las de forma curricular e extracurricular (Cerce; Brito, 2022). Nesse sentido, pensar como lidar com *haters* e *cyberbullying* por meio das redes sociais possibilita fazer o estudante refletir sobre maneiras de gerir suas emoções em troca de ter uma mente saudável, sendo capaz de lidar com situações de constrangimento e exposição.

Além disso, as relações que fazem emergir a racionalidade neoliberal presentes no Projeto de Vida estão ancoradas com a biopolítica (Foucault, 2008). Diante disso, o sujeito jovem deve ser saudável, conhecer seus limites, evitar o contato com possíveis situações que ocasionam problemas físicos e mentais, já que essas condições refletem a falta de controle emocional, resultando na instabilidade do autoconhecimento.

Figura 6 - Tipos de autocuidado



Fonte: Retirado de Alchorne; Carvalho (2020).

O enunciado anterior nos permite rastreamos de que forma a

governamentalidade neoliberal opera sobre a subjetividade dos sujeitos, expondo que há várias formas de autocuidado: físico, emocional, social, espiritual, pessoal, financeiro e no trabalho. Essas categorias permitem ao sujeito trabalhar no seu interior. Desse modo, o sujeito passa a adaptar suas condutas por meio de cuidados cotidianos, seja praticando um esporte, meditando, cuidado do corpo, entre outros, podendo ser interpretadas como “[...] técnicas de aperfeiçoamento individual, como em um empreendedorismo de si mesmo voltado às emoções” (Braga, 2021 p. 581).

Na análise do enunciado, podemos notar que a atividade orienta o estudante a listar quais tarefas desempenha para a construção do autocuidado. Após isso, o discente deve analisar seu desempenho e elaborar um esquema pessoal, tendo como parâmetro as modalidades expostas na imagem anterior: “observe a imagem a seguir. Considerando os diferentes tipos de autocuidado apresentados no esquema, identifique e anote aqueles que você costuma ter e as atividades que pratica para cuidar de si” (Alchorne; Carvalho, 2020 p.40).

Os discursos presentes no material do Projeto de Vida buscam trabalhar os diferentes tipos de autocuidado como forma de desenvolver as competências socioemocionais dos estudantes. Assim, quando o sujeito passa a se conhecer e narrar sobre suas experiências, emoções, rotinas, também é subjetivado em pensar o que precisa mudar nos seus hábitos, de forma que possam ser benéficos para estar bem consigo mesmo. Essa racionalidade não se interessa em cuidar do sujeito em si, pois, como apresenta frisam Dartot e Laval (2016), quando o sujeito tem acesso ao conhecimento de si, ele passa a ser responsável e deve assumir os riscos, pois é livre para fazer escolhas no seu estilo de vida.

É válido ponderar que “o regime neoliberal introduz uma era do esgotamento. Hoje, explora-se a psique. Por isso, esta nova era é acompanhada de doenças mentais, como a depressão ou o burnout” (Han, 2017 p. 46). Diante disso, pode-se compreender a necessidade de trabalhar os autocuidados, o zelo pela saúde mental é um dos que mais interessa a racionalidade neoliberal nesse contexto. Afinal, o neoliberalismo não é apenas a valorização do consumo, nem tampouco apenas uma teoria econômica, mas representa “[...] uma nova moralidade que prescreve como devemos sofrer sobre o neoliberalismo, tendo na sua cúspide preferencial a síndrome depressiva” (Dunker, 2021 p.173). Isso significa que as emoções e fragilidades do

sujeito neoliberal devem ser governadas em favor da produtividade.

O trabalho com as emoções favorece a aceitação do sujeito diante da individualidade que o neoliberalismo propugna, levando esse sujeito a gerir seus sentimentos em favor de um projeto que produz a promessa de sucesso e bem estar. Pois “[...] os efeitos da racionalidade neoliberal podem ser sentidos, mas a dimensão ideológica do neoliberalismo impede a identificação das causas do sofrimento” (Casara, 2021 p.50). Em outras palavras, a racionalidade neoliberal compreende que a depressão e ansiedade são passíveis de serem administradas, e, portanto, não podem ser compreendidas como um impedimento para o desempenho do sujeito.

Nessa mesma perspectiva, podemos destacar a coleção Planejando a jornada: um guia para seu projeto de vida (editora Evoluir), pois nela, especificamente na unidade do autoconhecimento, há um enunciado que busca trabalhar as particularidades da mente, expondo que o sujeito deve se reconhecer para poder gerir suas emoções, a fim de produzir uma mentalidade que coincida com o sujeito do século XXI. Isso é, um sujeito dotado de autoconhecimento, autocontrole, autocuidado e autoestima e que possui a plena capacidade de controle socioemocional, sendo capaz de se comportar em diferentes contextos. Noutros termos, corresponde a um sujeito preparado para o mercado de trabalho.

Figura 7 - Mentes do futuro



Fonte: Retirado de Monteiro (2020).

Conforme ilustra a figura, a coleção didática apresenta cinco tipos de

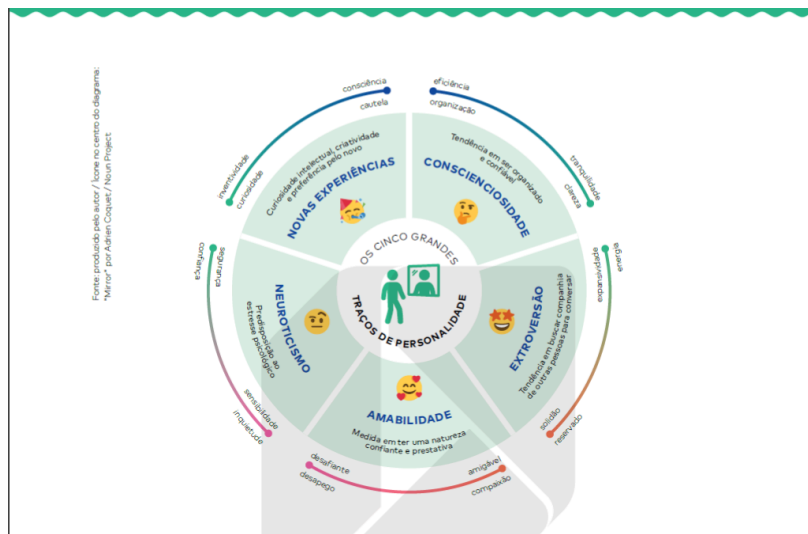
mentalidades: “a mente disciplinada, a mente sintetizadora, a mente criativa, a mente respeitosa e a mente ética” (Monteiro, 2020 p.28). Essa discussão busca incitar a capacidade de elaborar um Projeto de vida, sobretudo, que esteja alinhado com o futuro, o qual exige uma flexibilidade para as diversas situações e repentinas mudanças trabalhistas, demandando do sujeito uma conduta dotada de criatividade.

É nessa coleção que podemos averiguar a ideia da personalidade e do autoconhecimento como indicativo para o sucesso, pois residiria nesse preparo mental à chave para o êxito no futuro. Conforme assinalam Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo não se limita apenas a políticas econômicas, mas atua também em outros domínios. Nesse sentido, induz o sujeito a ajustar sua mente, gerir suas competências socioemocionais em favor da promessa de um *status* de benefício e sucesso.

A respeito disso, é possível observar a ênfase que o NEM acentua no que se refere às competências socioemocionais, especificamente, no desdobramento das atividades relacionadas ao Projeto de Vida, as quais buscam trabalhar as possibilidades do reconhecimento de si, isto é, promover um autocontrole de si mesmo, principalmente diante dos possíveis cenários vindouros. Essa premissa vincula-se ao desejo da educação neoliberal, em que o sujeito é protagonista e, ao mesmo tempo responsável, por suas qualidades e incapacidades, sendo essa pedagogia socioemocional a promessa de facultar ao estudante uma formação supostamente plena (Ramos; Paranhos, 2022).

Nesse contexto, ainda na coleção Planejando a jornada: um guia para seu projeto de vida, acerca do autoconhecimento, no capítulo *Quem sou eu*, defende-se que fazemos parte de uma sociedade e que nela existe a nossa individualidade, mas que todos partilham de traços os quais correspondem a um conjunto de competências denominadas OCEAN, “[...] referentes aos cinco domínios que dizem respeito à capacidade humana em aperfeiçoar seu comportamento com intuito de ser mais produtivo e lidar com situações adversas (Cerce; Brito, 2022).

Figura 8 - Os cinco domínios - OCEAN



Fonte: Retirado de Monteiro (2020)

Abaixo desse gráfico, a coleção didática explica cada um dos domínios e, em seguida, expõe algumas perguntas como: “Você tem dificuldade de tomar decisões ou se arrepende com frequência? O que você faz quando nota o sofrimento de um amigo? Qual sua opinião sobre regras em geral? Devem ou não serem sempre obedecidas” (Monteiro, 2020, p. 26). Devemos lembrar que as estratégias da racionalidade neoliberal são engenhosas, articulando-se em diferentes faces e governando os sujeitos por meio de seus próprios interesses, expondo que um estudante possui capacidades iguais a de outros, ativa o desejo em compreender quais dessas habilidades se sobressai em relação ao outro sujeito.

Dessa maneira, a tarefa por meio dessas questões, por mais simples que seja, exercita a ideia de concorrência, fazendo o aluno reconhecer sua estabilidade emocional diante de situações aparentemente comuns as nossas vidas. Desse modo, ao mesmo tempo em que o sujeito é levado a pensar sobre suas emoções, afetos, sentimento, empatia, escolhas, é também condicionado a um imaginário neoliberal que aponta para uma subjetividade em que a lógica da concorrência governa a sua vida (Casara, 2021).

Diante do exposto, fica em destaque que a necessidade de fazer com que o estudante pense sobre suas emoções e condutas é um dos objetivos das unidades a

abordarem a dimensão do autoconhecimento, a fim de fazer o estudante compreender como age em situações em que necessite fazer escolhas, acessando o autoconhecimento para entender seus limites, pensamentos, criatividade em solucionar problemas, contribuindo para a gestão de um projeto que possa ser autônomo e eficaz.

Considerações finais

Por meio das análises, podemos pontuar que a presença das estratégias da racionalidade neoliberal ressoa no ensino médio diluída nos discursos que colocam o protagonismo juvenil e a necessidade de autoconhecimento como mecanismo de objetivação dos sujeitos. Tais estratégias tornam-se presentes desde a elaboração da lei que coloca em exercício a reforma do NEM, bem como o cenário político econômico que o país estava situado naquele momento, propício para circulação e aceitação dos discursos que apontavam para as mudanças na educação, mascaradas sobre a promessa de inovação e autonomia.

A dimensão do autoconhecimento repousa sobre a ideia de conhecer a si mesmo, compreender as emoções, desejos, sonhos, limitações, como forma de pensar o Projeto de vida, mas, em verdade, utiliza-se desse reconhecimento como uma forma de governo, levando esse sujeito a regular suas condutas, torando-o mais individual, menos emotivo e responsável pelo seu sucesso ou fracasso. Por isso, a preocupação em torno das competências socioemocionais trabalhada nessa dimensão agencia relações de saber – poder que colocam o sujeito em conflito com sua identidade. Nesse movimento, o sujeito recorre ao anseio pelas mudanças e governo de si mesmo como forma de ajustar-se aos novos moldes curriculares, ao mesmo tempo em que se constrói como um sujeito preparado para o mercado de trabalho.

É importante lembrar que essas políticas educacionais refletem de modo mais intenso no ensino público. Por sua vez, nesse cenário reformista, a escola pública é alvo de inúmeras críticas, dentre elas, podemos lembrar do número elevado de evasão escolar, de estudantes em situação de distorção idade-série, por exemplo, razões que levam ao crescimento de discursos que mencionam a emergência de

renovação nas práticas de ensino e nas mudanças curriculares. Isso fica evidente, pois o que estrutura as bases das alterações feitas para NEM é justamente a promessa de preparo do sujeito para o convívio social. É com essa ideia que o projeto de vida busca recobrir as dimensões cidadã, social, pessoal, ao supostamente preparar mais sujeitos para atender às exigências do mercado de trabalho.

Diante disso, podemos afirmar que o autoconhecimento abordado no componente projeto de vida faz parte das preocupações do regime neoliberal, quando busca despertar no sujeito desejos pela concorrência e pelo governo de si como forma de aligeirar sua formação básica com vistas à inserção precoce no mundo do trabalho.

Referências

ALCHORNE, Isabella; CARVALHO, Sofia. **#Vivências** – Projeto de vida. São Paulo: Editora Scipione, 2020.

ACCIOLY, Inny.; LAMOSA, Rodrigo de Azevedo Cruz. As competências socioemocionais na formação da juventude: mecanismos de coerção e Consenso frente às transformações no mundo do trabalho e os conflitos sociais no Brasil. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, v. 23, n.3, p. 706-733, set./dez. 2021. Disponível em: <<https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/15976>>. Acesso em: 20 de junho de 2022.

BRASIL. **Base nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Ministério da Educação – MEC: Brasília, 2018.

BRASIL. **Guia digital PNLD 2021**: projetos Integradores e projeto de Vida. Ministério da Educação: Brasília, 2020.

BRAGA, Paula. Selfie: o autorretrato do sujeito contemporâneo. **Chamada pública - ARS** – São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/6L87h7t8JFBVjggWx3bVT7S/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 jan. de 2024.

CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CERCE, Livia Maria Rassi; BRITO, Renato de Oliveira. Competências socioemocionais e o currículo para o século XXI. **Horizontes**, Itatiba, 2022. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1217>>. Acesso em: 07 de jun. 2023.

DANZA, Hanna Cebel. SILVA, Marco Antonio Morgado da. **Projeto de vida: construindo o futuro**. São Paulo: Ática, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. *In*: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 177-212.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. *In*: FOUCAULT, M. (Org.). **Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009. p. 411-442.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRAIMAN, L. P. **Pensar, sentir e agir: projeto de vida**. São Paulo: FTD, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2017

MONTEIRO, Bia. **Planejando a jornada: um guia para seu projeto de vida**: São Paulo: Evoluir, 2020

NASCIMENTO, Ivany Pinto. Educação e Projeto de vida de adolescentes do ensino médio.

Rev. Cient., São Paulo, n. 31, p. 83-100, maio/ago. 2013.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane; D'AGOSTINI, Ana Carolina C. **Se liga na vida**. São Paulo: Moderna, 2020.

OLIVEIRA, Paulo Edison de; ROTA, Paulo Jorge Storace. **Projeto de vida: um projeto vital**. Hedra Educação, São Paulo, 2020.

ROCHA, Raquel Rodrigues. Neoliberalismo e cibercultura: notas sobre a governamentalidade contemporânea. *In*: CUPELLO, P. (org.). **Mulheres debatem Michel Foucault**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 203-218.

RAMOS, Marise.; PARANHOS, Michelle. Contrarreforma do ensino médio: dimensão renovada da pedagogia das competências? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 34, p. 71-88, jan./abr. 2022. Disponível em:

<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1488>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SOLER, Rodrigo Diaz De Vivar Y; VAZ, Rafael Araldi; RAASCH, Patricia Tatiana. Michel Foucault, a educação e o neoliberalismo. **Educação em revista**, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/35257>>. Acessado em: 30 nov. 2022.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; FERREIRA, Valméria Brito Almeida. Livro didático de português: apontamentos a partir da teoria dialógica da linguagem. *In*: SANTOS-TARDELLI, L. A.; BUNZEN, C. (Orgs.). **Livro didático**: dos contextos aos usos em sala de aula. Recife: Pipa Comunicações, 2020. p. 131-157.

SILVA, Marco Antonio Morgado da; DANZA, Hanna Cebel. Projeto de vida e identidade: articulações e implicações para a educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.38, e35845, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/YHwg8Fxlkwcb7gGSc7QQKkg/>>. Acessado em: 04 de dez. 2022

SANTAIANA, Rochele da Silva; MACHADO, Jaqueline Aparecida. Base nacional comum curricular: a emergência de uma subjetividade competente. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, n. 1, p. 1-20, 2024. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7517>>. Acesso em: 01 jun. 2024.

STERN, Iris. **Eu posso: projeto de vida**. Pinhais: Pipoca Doce Casa Editorial, 2020.

Submetido em: 18-06-2024

Aprovado em: 04-10-2024

Publicado em: 28-11-2024